

O Livro de Jó
Sessão 23: Epílogo, Jó 42
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 23, Epílogo Jó 42.

Introdução ao Epílogo [00:23-2:04]

Então, finalmente chegamos ao epílogo, a parte em prosa que encerra o livro. Começa em 42:7. Todos os discursos acabaram, em certo sentido. Então, agora estamos amarrando algumas pontas soltas. Mas são justamente essas pontas soltas que têm causado confusão para muita gente. É fácil ver o epílogo como a mensagem final do livro, mas não é. É apenas amarrar uma ponta solta. Vamos dar uma olhada nisso. Nos versículos sete a nove, temos a repreensão e a reconciliação dos amigos de Jó. Deus disse a Elifaz, aparentemente o porta-voz do grupo: "Estou zangado com você e seus dois amigos porque vocês não falaram a verdade sobre mim, como meu servo Jó. Portanto, agora pegue sete touros e sete carneiros e vá para o meu servo Jó e sacrifiquem um holocausto por vocês mesmos. Meu servo Jó orará por vocês, e eu aceitarei sua oração e não os tratarei de acordo com a sua loucura. Vocês não falaram a verdade sobre mim como meu servo Jó.

Agora observe, em primeiro lugar, que são os três amigos, não Eliú. Eliú não está incluído nesta reprimenda. Isso não é porque ele foi uma adição posterior ao livro. É antes porque ele falou bem sobre Deus. E assim, ele não está incluído nesta reprimenda.

Problema de tradução: "Verdade para mim como..." não "sobre mim" 2:04-3:18]

Mas temos uma dificuldade de tradução aqui, até agora, isso não é surpresa no Livro de Jó. A NVI fala sobre falar "a verdade sobre mim". E eu apenas usei essa linguagem porque é isso que a tradução tem. A palavra "verdade" é a palavra *nekonah*. *Nekonah* em hebraico indica que algo é lógico, sensato e verificável. Então, é esse tipo de tratamento da ideia de verdade como lógica, sensata e verificável. Mas o que temos que observar é a

combinação desse verbo e a preposição que vem depois dele. A NVI traduziu essa preposição como "sobre". Então, "você falou sobre mim". O problema é que a combinação desse verbo e preposição de forma consistente em todo o Antigo Testamento significa "falar com alguém que geralmente está presente". Não é falar "sobre eles". É falar "para eles".

Aprovação Divina não para os Diálogos, mas para as Declarações do Epílogo [3:18-5:17]

Agora que cria alguns problemas. Podemos ver por que os tradutores seguiram uma direção diferente, porque como isso faz sentido aqui? Em primeiro lugar, refere-se ao que Jó falou a Deus em seu discurso anterior, versículos um a seis do capítulo 42. Isso é agora; Jó falou o que é certo. Ele falou com Deus. Isso é importante porque deixa claro que nem tudo que Jó disse ao longo do livro era certo ou verdadeiro, ou *nekonah*. Jó tem estado errado sobre muitas coisas que ele disse. Portanto, isso ajuda porque é apenas o que Jó acabou de falar com o Senhor que recebeu aprovação, e isso contrasta com as coisas que ele falou ao longo do livro. Portanto, Deus não declarou que tudo o que Jó disse está certo. Em vez disso, ele aprovou a resposta de Jó e castigou os amigos. Eles são comparados e castigados por não serem comparativamente penitentes. Não é que os amigos falaram o que era errado para Deus. Eles não falaram nada com Deus. OK? Portanto, não se trata de todos os diálogos: "você não falou o que é certo para mim", diz Deus a Elifaz, "como meu servo Jó". Eles permaneceram em silêncio e não deram uma resposta penitente como Jó. Esta é uma declaração importante porque focaliza este comentário apenas nesta última parte do livro.

Estratégia retórica do epílogo: não restabelecimento do princípio da retribuição [5:17-8:22]

Agora, a estratégia retórica do epílogo, o que está fazendo? As pessoas consideram problemático pensar nisso como uma conclusão legítima do livro. Ela levanta problemas reais para as pessoas; afinal, restaurar a prosperidade de Jó não apaga o sofrimento que

ele viveu. O tipo de solução soa oco. Se esta é a resposta, Deus a devolve. Isso tem uma sensação de vazio. Dar a Jó mais filhos não cura sua dor pelos filhos que ele perdeu. Neste ponto, deixe-me lembrá-lo de que sugeri que o livro é um experimento mental. Isso não significa que temos que imaginar um verdadeiro Jó sofrendo pelos filhos que Deus tirou. Tudo isso está no quadro do experimento mental. Restaurar a prosperidade de Deus, sinto muito, restaurar a prosperidade de Jó parece uma reinstalação do princípio da retribuição. Por que isso faz sentido? Parece que Deus tem tentado estabelecer a inadequação do princípio da retribuição. Então, por que trazê-lo de volta? Esses são alguns dos problemas que as pessoas tiveram com o livro. Então, vamos pensar sobre isso. Lembre-se de que o foco do livro são as políticas de Deus. O Challenger afirmou que é uma má política para as pessoas justas sofrer, sinto muito, para prosperar. Jó afirma que é uma má política que os justos sofram. Os primeiros 27 capítulos exploram as reivindicações do Desafiador, ao longo das quais Jó mantém sua crença de que a retidão, e não a prosperidade, é o que mais importa. Jó demonstra que é possível ser justo por causa da justiça. Ele, de fato, servirá a Deus por nada. O livro também aborda a afirmação de Jó e conclui que não é política de Deus fazer prosperar os justos. Invariavelmente, essa não é a política de Deus. Ao restaurar a prosperidade de Jó no epílogo, Deus faz uma declaração clara de que ele continuará a agir como antes, e a política permanece inalterada. Os desafios às suas políticas se repetiram. E assim, ele restaura suas políticas inalteradas. Os casos apresentados pelo Desafiador e por Jó se mostraram insustentáveis. Deus não está vinculado ao princípio da retribuição.

Prosperidade como presente [8:22-9:08]

Jó agora pode pensar sobre sua prosperidade de maneira diferente. Não como algo que ele merece em virtude do princípio da retribuição, que é a base de como o mundo funciona. Ele tem que pensar diferente. A prosperidade não é uma recompensa que ele ganhou ou uma recompensa que Deus é obrigado a dar. Qualquer prosperidade que ele experimente é uma dádiva de Deus, pura e simplesmente. A restauração da prosperidade

de Jó não visa apagar sua dor. Não é nem mesmo para o benefício de Jó. Esse não é o objetivo da restauração. Lembre-se, não se trata de Jó; é sobre Deus. Por meio da prosperidade renovada de Jó, as políticas questionadas por Deus são restabelecidas. A prosperidade dos justos não é um dado adquirido. Não é mecânico. Não é a base sobre a qual o cosmos é ordenado. Não é a obrigação de Deus, mas é o prazer de Deus. O epílogo não sugere que, quando sofrermos, podemos nos consolar com uma expectativa de satisfação futura – algum dia, teremos tudo de volta. Essa certamente não é a lição do livro.

Nosso propósito não é aprender com Jó como personagem ou aprender com suas experiências. O livro não pede que nos coloquemos em seu lugar; isso vem facilmente para alguns de nós. Não nos pede para modelar nossas respostas de acordo com seu comportamento. Não devemos ser como Jó. Em vez disso, o livro nos leva a aprender como pensar sobre Deus com mais precisão, assim como Jó aprende conosco, como pensar sobre Deus com mais precisão. Deus se deleita em mostrar favor aos que lhe são fiéis. Mas o mundo não é obrigado a operar com base nessa premissa.

Restauração da Prosperidade de Jó e do Triângulo: Sabedoria, não Justiça [9:08-14:39]

A restauração da prosperidade de Jó não equivale a uma reinstalação irrestrita do princípio da retribuição. As bênçãos de Jó devem agora ser consideradas sob uma luz diferente. Nem as políticas de Deus nem as operações do mundo são baseadas no princípio de retribuição aplicado como teodicéia.

Então, onde Deus se encaixa no triângulo? Lembre-se, nós falamos sobre este triângulo com o princípio da retribuição e a retidão de Jó e a justiça de Deus e onde todos se localizaram e onde construíram seu forte, e do que estavam dispostos a desistir.

Então, onde Deus se encaixa no triângulo? Ele não. Deus rejeita o triângulo. Deus o esmigalha e joga fora. Deus não engole a ideia do triângulo. Essa foi a tentativa humana de tentar entender a ordem do cosmos. Essas foram suas equações simples que não funcionaram. É por isso que até Eliú estava errado; ele ainda pensava que a justiça era a

base. Ele ainda tentou se encaixar no triângulo, embora meio que o esticasse e trabalhasse nos propósitos da superfície. Deus não cabe no triângulo. O triângulo é rejeitado. Não temos um triângulo de reivindicações. A base não é a justiça. A base é a sabedoria. Quando os eventos parecem ocorrer, de acordo com o princípio da retribuição, eles devem ser vistos simplesmente como o efeito cascata do caráter de Deus conforme ele se compromete a trazer bênção e julgamento em sua sabedoria. Não nos oferece uma explicação de por que as pessoas justas sofrem. Não devemos basear nossas expectativas nas experiências de Jó. Jó não recebe nenhuma explicação para seu sofrimento, e o livro não preenche esse vazio para os leitores como se devêssemos receber uma explicação. A única explicação que o livro oferece diz respeito ao pensamento correto sobre Deus e suas políticas em um mundo onde o sofrimento é generalizado e inevitável. É disso que se trata.

O epílogo, então, é a conclusão perfeita para o livro. Os desafios às políticas de Deus foram abordados. Vários equívocos sobre Deus e o cosmos foram dissipados. Ganhamos sabedoria. Essa sabedoria não alivia nosso sofrimento, mas nos ajuda a evitar pensamentos tolos que podem nos levar a rejeitar a Deus quando na verdade mais precisamos dele. Assim, o epílogo é uma conclusão do livro, mas não incorpora a mensagem do livro. A mensagem do livro saiu dos discursos de Deus.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 23, Epílogo, Jó 42. [14:39]